



PROJETO “EM CENA”: O CINEMA COMO PROPOSTA DE FORMAÇÃO EM RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA

Fernando César Bezerra de Andrade¹

O cinema: linguagem para a formação docente em relações de gênero na escola

A cinematografia é uma linguagem de forte penetração cultural. Importante mídia, o cinema oferece “os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente” (KELLNER, 2001, apud SOARES, 2008, p.50-51). Muitas vezes, a mídia consagra perfis identitários através de representações de gênero acrílicas e, expostos a um discurso legitimador de desigualdades nas relações de gênero, docentes acabam contribuindo para que a escola permaneça discriminando em função do gênero, conservando preconceitos e desigualdades em práticas culturais que “expressam uma cultura institucionalizada, muitas vezes, pouco acolhedora da multiplicidade de contextos históricos e identitários presentes na escola” (CAMARGO; DIAS; ANDRADE, 2009, p.134).

Essa cultura conservadora materializa-se nas falas de crianças e docentes, nas atividades pedagógicas e no controle comportamental e afetivo, que sofrem os efeitos de uma formatação acrílica (FELIPE, 2008, p.5) e, no mais das vezes, preconceituosa, que resulta numa naturalização excludente das relações de gênero:

Essas construções, entretanto, são frequentemente naturalizadas. Fixam-se lugares para sujeitos entre pólos bem demarcados – homem/mulher, dona de casa/prostituta, heterossexual/homossexual –, representações binárias muito presentes nas narrativas televisivas e no clássico cinema hollywoodiano. Ser homem, dona de casa ou heterossexual corresponde ao que é natural [...]. Outros termos correspondem apenas a um acidente de percurso²

Siqueira, Oliveira e Braga lembram que os fundamentos desse processo de constituição das representações de gênero encontram-se nas identidades, para as quais o cinema concorre significativamente:

O cinema narrativo possibilita importantes processos de identificação. Desejos, prazeres, sentimentos conscientes e inconscientes fazem parte do repertório do espectador e de suas relações com o cinema.

¹ Doutor em Educação-UFPB.

² SIQUEIRA, Vera Helena F. de; OLIVEIRA, Cristiane M.; BRAGA, Júlio O. *O cinema e a formação docente: um diálogo sobre as questões de gênero*. In *Comunicação & Educação*, ano 10, n. 2, mai/ago 2005, p.158.



Elementos de realidade como o movimento, por exemplo, emprestam uma aura de verdade às construções produzidas pelos recursos narrativos cinematográficos.³

Ora, “se a representação é um lugar de poder e regulação e uma fonte da identidade, então nos cabe a tarefa crítica de construir novos significados e desembaraçar os velhos” (SOARES, 2008, p.51). Desse modo, a mesma linguagem que conserva pode transformar: “ao se tornar objeto de reflexão e de análise por educadores, o cinema se mostra uma ferramenta capaz de alavancar transformações e ressignificações importantes a respeito de questões que concernem à condição humana e à constituição das subjetividades” (SIQUEIRA; OLIVEIRA; BRAGA, 2005, p.159).

No caso da escola, é dos/das docentes a principal responsabilidade na alteração desse cenário culturalmente repetitivo e restritivo (DUARTE, 2002; NAPOLITANO, 2008). No que diz respeito à crítica das relações de gênero (e à educação para a equanimidade nessas relações), porém, “o corpo docente [...] se sente, em algumas ocasiões, despreparado para tal empreitada, na medida em que não teve uma formação específica para isso” (FELIPE, 2008, p.6). Falta, portanto, formação específica.

Como, então, recorrer ao cinema para formar docentes com o objetivo de intervirem para a promoção de relações de gênero mais equânimes nas suas escolas? Kellner e Share (2008) respondem ser isso possível através de uma educação crítica da mídia: sugere-se a análise da produção discursiva em torno de uma temática e a valorização do que, nessa produção, remeta à desnaturalização, à desconstrução de representações sobre o assunto considerado. “Ver e interpretar filmes implica, acima de tudo, perceber o significado que eles têm no contexto social do qual participam” (DUARTE, 2002, p.107). Fischer (2009) sugere problematizar os discursos naturalizados, revelando as relações de poder implícitas na narrativa de filmes, através de “exercícios de imersão nas linguagens audiovisuais” envolvendo exercícios de análise crítica, através de filmes que divulguem narrativas abertas a verdades (no sentido foucaultiano) não hegemônicas (p.95). Isso significa “pensar a formação docente seguindo [...] preferencialmente aquelas trilhas que, de alguma forma, jogam o mínimo possível com a linguagem da dominação, com o aprisionamento aos clichês do espetáculo tecnológico ou melodramático” (p.101).

O/A docente, ao interagir com imagens e interpretar os signos utilizados na construção narrativa, passa a entender os mecanismos sociais e as metáforas que influenciam a construção do olhar do ser humano sobre si

³SIQUEIRA, Vera Helena F. de; OLIVEIRA, Cristiane M.; BRAGA, Júlio O. *O cinema e a formação docente: um diálogo sobre as questões de gênero*. In *Comunicação & Educação*, ano 10, n. 2, mai/ago 2005, p.158.



mesmo e sobre o outro. Esse processo torna possível tanto a identificação quanto o estranhamento. Daí o rompimento com certos preconceitos e naturalizações⁴

Projeto “Em Cena”

O contato regular da equipe executora do projeto “Iguais porque Diferentes” (CARVALHO; ANDRADE, MENEZES, 2009) — composta por integrantes do Grupo de Pesquisa “Currículo Transversal” (PPGE/CNPq)— com profissionais de redes públicas de educação, durante o ano de 2008 e início de 2009, confirmou a enorme necessidade de formação docente nas temáticas da educação para a equidade de gênero e a inclusão das diversidades sexuais e de gênero na escola. Ao mesmo tempo, esse contato também permitiu encontrar vários/as professores/as suficientemente abertos/as para a temática, capazes de realizar autocrítica e desejosos/as de aperfeiçoar suas práticas. Alguns/mas dentre eles/as desenvolveram projetos específicos para as necessidades encontradas em suas unidades de ensino e solicitaram, insistentemente, a continuação de suas formações profissionais.

Para garantir ocasião de continuidade dessa formação, a equipe executora (constituída de dois professores coordenadores e três alunas da graduação em Pedagogia – uma bolsista do Programa de Apoio às Licenciaturas [PROLICEN] e duas voluntárias) desenvolveu-se um projeto mais curto e mais leve, intitulado “Em Cena - educar para uma consciência de gêneros inclusiva”: promoveram-se seis sessões de cinema (como foram chamados os encontros) em que, exibidos filmes, com a mediação de um/a coordenador/a, foram provocados debates sobre a prática escolar (mais especificamente, da perspectiva docente) em torno dos seguintes temas geradores: a condição da mulher numa sociedade androcêntrica, a homofobia na escola, a transfobia e a lesbofobia.

Um dos pontos altos da experiência foram as discussões que se seguiram aos filmes, registradas em áudio. Numa delas, por exemplo, a partir do filme “Sexo por Compaixão” (1999), entre outras questões, foi debatida a relação entre feminilidade no magistério. Na oportunidade, participantes expuseram seus pontos de vista de forma a combater os preconceitos e as discriminações impostas pela sociedade em relação às questões de gênero presentes neste tema:

Assim como a gente viu no filme a mulher por trás da prostituta, nós também temos que descobrir uma mulher que está por trás da professora. A gente não percebe o quanto tornamos isso um estereótipo, tanto é que muito poucos homens estão na escola [...]. A questão de que, na educação infantil e na primeira fase do ensino fundamental, da 1º até 5º ano, nós não vemos quase nenhum homem ministrando aula. Isso é uma questão de gênero, é um gueto para santificar. Eu, por exemplo, tinha lido sobre esse assunto e nunca tinha parado para pensar como seria a mulher escondida na professora (P1).

⁴SIQUEIRA, Vera Helena F. de; OLIVEIRA, Cristiane M.; BRAGA, Júlio O. *O cinema e a formação docente: um diálogo sobre as questões de gênero*. In *Comunicação & Educação*, ano 10, n. 2, mai/ago 2005, p.163.



Ao questionar a ideia, muito presente no senso comum, de que a mulher teria uma natureza materna e, conseqüentemente, o “dom” para ensinar, P1 conseguiu levantar o problema da ausência masculina na educação infantil. Ora, essa transposição provavelmente foi facilitada pela narrativa do filme — em que, pouco a pouco, não só a protagonista, mas seu marido passa a fazer sexo por compaixão: na história fílmica, as mulheres do povoado em que morava Dolores (católica piedosa que, para reaver o marido abandonador, comete aqueles que considerava serem os maiores pecados possíveis no domínio matrimonial — o adultério e a prostituição) confrontam Manolo e o obrigam a também fazer sexo com várias delas. Ao posicioná-lo na função de prostituto (ainda que nem ele nem Dolores ganhassem, diretamente, pelos serviços sexuais), o filme inverte posições (de acusador para aquele alvo da acusação) e leva o/a espectador/a, com o personagem, a perguntar-se sobre a condição masculina no exercício de uma função considerada restrita a mulheres.

Pensando o caso da escola, o debate sobre funções que o senso comum pretende exclusivamente femininas, naquela sessão de cinema, foi dirigido, a partir tanto da provocação cinematográfica quanto da fala de P1, para a crítica de uma cultura profissional homófoba, como é possível identificar no depoimento de P3:

O que a colega disse em relação à mulher por trás da professora fala de uma questão de gênero que vai além. A educação infantil e a fundamental são vistas como atribuições femininas: é tanto que o homem lá ou é bicha ou é tarado; ele não pode ser saudável, heterossexual ou homossexual, na dele, e ensinar crianças, porque ali só entra mulher; ou seja, não pode ter pênis e tem que ser heterossexual, não pode ser lésbica... Aí é uma questão de gênero. [...] É comum pensar que alguém “desviado” pode perverter nossas crianças. Não é só a mulher por trás da professora, e sim o feminino por trás do magistério.

Percebe-se que, com a ajuda do filme, o debate ganhou um alto nível de reflexão, abrangendo tanto os personagens do filme quanto a cultura escolar e discutindo não só o lugar de mulheres, mas a representação da própria feminilidade, associada à docência dos primeiros anos (porque, implicitamente, à maternidade para que tenderiam naturalmente as mulheres). Através da narrativa fílmica, participantes da sessão conseguiram identificar as diferenças, preconceitos e discriminação das pessoas mantidas pelas representações do que é ser homem e ser mulher, aplicando essa reflexão às profissões de professora e de pedagoga. Essa aplicação sugere a assimilação de conceitos que, diferindo do senso comum, embasam uma perspectiva mais crítica das relações de gênero, inclusive na escola — o que, por sua vez, aumenta as chances de transformação de práticas pedagógicas.

Outro elemento importante dessa formação consistiu nos debates em torno da própria prática docente, muitas vezes decorrente da discussão sobre o material de aprofundamento teórico e de apoio às atividades didáticas nas escolas, produzido pela equipe executora. A cada sessão de



cinema, a equipe executora do projeto preparava uma resenha e um roteiro sugestivo de atividades para uso nas escolas, com recomendações de leitura para aprofundamento dos debates. Para tanto, assistia previamente ao filme, pesquisava e lia artigos e reportagens relacionados à temática da narrativa. Ainda antes do filme, discutia suas ideias centrais e preparava cartazes e panfletos (a serem distribuídos pelo campus), bem como enviava convites por e-mail para as redes escolares públicas na cidade. Também para disseminar a experiência e facilitar o acesso ao material relacionado a cada filme, criou-se um site em que tudo foi tornado disponível a participantes e ao público em geral (<http://projetoemcena.blogspot.com/>). Esse material também despertou perguntas entre os/as participantes.

Ilustrativo disso é o testemunho de uma das participantes em torno das atividades sugeridas para o uso do filme “Saindo do Armário (1998)”. Propõe-se que, exibido o filme, o/a docente forneça o conceito de homofobia para, em seguida, iniciar debate sobre a homofobia, localizando, em cenas do filme, situações vinculadas à homofobia na escola (expressa pela invisibilidade, por agressões físicas e verbais contra homossexuais, bem como pela recusa à própria orientação sexual). Ao tratar da sugestão para incluir a temática nas salas de aula, afirmou, referindo-se ao tratamento que colegas davam a duas alunas transgênero, que, sobre isso, “lá, dentro da escola, ninguém fala. Mas fora da escola, falam, sim. Vamos supor que um desses professores se encontrasse com um colega fora da escola. Eu ouvi de colegas o seguinte: ‘eu respeito, eu não condeno, mas eu não queria que um filho meu fosse assim’” (P4).

Não parece ser à toa que o silêncio excludente seja evocado a partir de uma proposta para falar sobre a homofobia na escola. Falar desse preconceito, no contexto específico do momento daquele debate, pode também significar que P4 afirmava encontrar mais dificuldades entre colegas que mesmo em meio ao alunado. A fala de P5 confirma essa interpretação, pois ilustra a força do enraizamento de conceitos prévios relativos às identidades de gênero, que são sacudidos tanto pela exibição do filme quanto pela proposta de usá-lo na sala de aula:

Uma coisa que me passou agora pela cabeça, se a gente for falar, assim, do preconceito. Eu ainda não elaborei minhas ideias, mas eu acredito que é assim: a gente aceita, mas não quer nenhum próximo à gente. E isso talvez seja por todos os conceitos adquiridos. Então, até a gente desconstruir isso, leva tempo, porque a gente tem formado um conceito padrão, de homem, de mulher. Então essa história de desconstruir não é fácil, depende do tamanho das pernas de cada um, mas não é impossível. A gente só não pode ficar acomodado.

P4 e P5 falam de problemas distintos e correlatos. O primeiro deles trata da resistência que, vinda de colegas, enfrentam educadores/as comprometidos/as com a transformação na produção das relações de gênero na escola. O segundo diz respeito às resistências internas que enfrenta, em maior ou menor grau, quem experimenta conflitos decorrentes da crítica às relações de gênero, que



implicam em eventuais ameaças à própria identidade. Viu-se, com Siqueira, Oliveira e Braga (2005), que a identidade pode ser, algumas vezes, posta em questão, em razão da participação numa atividade formadora como a aqui analisada — e, ainda que num nível menos aprofundado, isso pode ser experimentado como uma ameaça. P5 é clara: “eu ainda não elaborei minhas ideias... eu acredito que é assim: a gente aceita, mas não quer nenhum próximo à gente”. A experiência descrita por P5 — que, ao menos em parte, complementa, em primeira pessoa, a situação trazida à lembrança por P4 — evidencia um conflito acentuado pela participação nas sessões de cinema.

É possível articular as duas falas, interpretando-as como movimentos discursivos com um elemento em comum: a recusa do diferente que se torna ameaçador — típica do estranhamento também lembrado por Siqueira, Oliveira e Braga (2005), revelado pela ambiguidade do discurso. Tentando enquadrar-se no que seria um discurso politicamente correto acerca da inclusão de diferenças na escola, desejando aparentar tolerância, educadores/as traem a própria homofobia por trás de verbos como “respeitar” e “não condenar”, possíveis desde que nada seja dito dentro da escola e as alunas estranhas sejam mantidas à distância. Isso só realça a ambiguidade: calando sobre o que, de fato, condena, o/a educador/a homófobo/a apenas aparenta um respeito que é, em verdade, distanciamento.

Quem entra em cena já se dispôs a mudar: para concluir, mais problemas

A experiência de formação aqui relatada apontou para o problema das múltiplas formas de resistência. Nos discursos, essa resistência é caracterizada por uma ambiguidade entre incluir e excluir (através da segregação), que fragiliza a coerência entre pensar e agir. Como demonstram as falas citadas, essa é uma das principais dificuldades que participantes e formadores/as enfrentam, sobretudo porque ela tende a estimular uma reação docente conservadora (seja por omissão, seja por intervenção): diante dos riscos inerentes a qualquer mudança, melhor é conservar a própria posição (sobretudo se essa posição for, por qualquer razão, cômoda).

Desse modo, resta o problema da motivação inicial e intrínseca para participar de formações que promovam mudanças nas representações de educadores/as acerca das identidades de gênero. Ainda que mais próxima do lúdico e da fantasia, mesmo o recurso ao cinema enfrenta o problema de motivar quem é mais resistente a participar — dado que sua resistência, de saída, reduz consideravelmente as chances de participar de oportunidades para o desenvolvimento do senso crítico através da linguagem cinematográfica. Com isso, ressalta-se que o grupo de educadores/as



participantes do Em Cena estava mínima e previamente motivado, não só pela atividade de ver filmes em si mesma, mas pela temática envolvida.

O fato de a equipe executora não ter conseguido atrair educadores/as menos envolvidos com a temática levanta, pois, a questão sobre os limites da eficácia do recurso ao cinema entre participantes resistentes — justamente aqueles/as que mais reproduzem os preconceitos que orientam intervenções didáticas voltadas para a conservação da iniquidade nas relações de gênero na escola. Afinal, se quem entra em cena já se dispôs a mudar (como é o caso de P5 que, mesmo dividida, manteve-se na formação e se dispôs a rever seus conceitos), como motivar aqueles/as que são intelectual e afetivamente avessos/as aos valores que fundamentam a inclusão de gêneros minoritários? Como superar ambiguidades e o androcentrismo sem derivar num embate que, justamente, reforça as resistências dos androcêntricos? Para quem crê na necessidade de todos em cena, essas são perguntas necessárias, que remetem a mais investigações e debates.

Bibliografia

CAMARGO, Ana Maria F. de; DIAS, Maria Helena P.; ANDRADE, Maria Celeste de M. Prática docente, gênero e cultura na escola. In: MARIGUELA, Marcio; CAMARGO, Ana Maria F. de; SOUZA, Regina M. *Que escola é essa?* São Paulo: Alínea, 2009.p.133-158.

CARVALHO, Maria Eulina P. de; ANDRADE, Fernando C. B. de; MENEZES, Cristiane S. de. *Equidade de gênero e diversidade sexual na escola: por uma prática pedagógica inclusiva*. Projeto Iguais porque Diferentes. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009.

DUARTE, Rosália. *Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FELIPE, Jane. Educação para a igualdade de gênero. In BRASIL. MEC. *Salto para o futuro. Educação para a igualdade de gênero*. Ano XVIII, boletim 26, novembro de 2008, p.03-14.

FISCHER, Rosa M^a B. *Docência, cinema e televisão: questões sobre formação ética e estética*. In Revista Brasileira de Educação, v. 14, n. 40, jan./abr. 2009, p. 93-102.

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. *Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação*. Educação e Sociedade, Campinas, v. 29, n. 104, out. 2008.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema na sala de aula*. 4^a ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SIQUEIRA, Vera Helena F. de; OLIVEIRA, Cristiane M.; BRAGA, Júlio O. O cinema e a formação docente: um diálogo sobre as questões de gênero. In *Comunicação & Educação*, ano 10, n. 2, mai/ago 2005, p.157-164.

SAINDO DO ARMÁRIO. Direção de Simon Shore. São Paulo: Distribuidora Pandora, 1998. 1 DVD (110m). Colorido. Legendado.



SEXO POR COMPAIXÃO. Direção de Laura Mañá. São Paulo: Distribuidora Califórnia Filmes, 1999. 1 DVD (109m). Colorido. Legendado.

SOARES, Rosângela. Pedagogias culturais produzindo identidades. In BRASIL. MEC. *Salto para o futuro. Educação para a igualdade de gênero.* Ano XVIII, boletim 26, novembro de 2008, p.47-53.